

EDITORIAL

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR E SEUS CONTRIBUTOS PARA O
DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

Dra. Elisangela André da Silva Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Ao longo das últimas décadas temos assistido importantes mudanças no campo educacional e que impactam de forma direta no modo como os professores vivenciam seus processos de formação e exercem a profissão nos mais diferentes níveis e modalidades de ensino.

A dialética de avanços e retrocessos relativos ao direito à educação, à valorização e respeito à diversidade, à ressignificação dos processos de ensinar e aprender mediados por tecnologias da informação e comunicação, às relações estabelecidas entre o ensino e a pesquisa, entre tantas outras questões, apontam para a necessidade de diálogos pedagógicos e transdisciplinares que colaborem para uma compreensão ampla dos desafios presentes na (re)aprendizagem da profissão (COSTA, 2018).

Um primeiro ponto a ser considerado neste diálogo são as transformações vividas no contexto contemporâneo e que afetam de forma significativa a construção da subjetividade dos sujeitos, alinhando-as de modo cada vez mais incisivo, aos princípios capitalistas neoliberais, como o consumo, a produtividade, a competitividade, o individualismo, entre outros (LIBÂNEO, 2011). Esse processo traz para o contexto educativo novas demandas de formação que visam à inclusão dos sujeitos neste modelo de sociedade. Contudo, é necessário problematizarmos essa realidade, considerando as tensões e contradições que atravessam a nossa existência e aceitar, como educadores, o convite para pensar crítica e responsabilmente sobre os elementos políticos, pedagógicos e epistemológicos presentes nos projetos de educação dos quais fazemos parte.

O movimento reflexivo sobre a realidade em que se insere a formação e o trabalho docente nos permite compreender, também, o modo como os mesmos se relacionam com os projetos de sociedade que se encontram em permanente disputa, sendo necessário indagar: que tipo de sujeito estamos ajudando a formar? Quais relações sociais esperamos fortalecer e quais desejamos superar? Essa postura, de problematização da realidade revela que a docência é, também, um ato político, portanto, não neutro, fato que nos mobiliza a pensar sobre o papel que somos convidados a exercer nesse processo de manutenção/mudança da sociedade.

Assim, seguimos para o segundo passo nesse diálogo, que é a compreensão dos desafios da pesquisa em educação. Ghedin e Franco (2011) apontam que historicamente, a produção do conhecimento foi pautada em bases positivistas que emergiram do olhar dos pesquisadores sobre os fenômenos da natureza, originando a compreensão da ciência como portadora da verdade, neutra, objetiva, quantificável, separando o olhar e o sentir humano da razão. Se por um lado, essa abordagem científica promoveu avanço nas ciências ditas duras, por outro lado não conseguiu o mesmo sucesso nas ciências humanas, tendo em vista que é necessário atentar para a diferença ontológica existente entre os objetos de estudo dessas diferentes áreas. As tensões, contradições e ambiguidades presentes no desenvolvimento das ciências humanas indicam a necessidade de avanço da dimensão reflexiva dos processos investigativos e reconfiguração dos elementos metodológicos que estruturam a construção do conhecimento, superando a visão fragmentária e supostamente neutra herdada do pensamento moderno.

Por fim, trazemos o terceiro ponto para este diálogo, que diz respeito ao reconhecimento e valorização da dimensão experiencial da formação do pesquisador, que nos ajuda a compreender a relação indissociável que cada sujeito estabelece com a construção dos objetos de investigação, quando articula a estas preocupações mais amplas relacionadas à sociedade e à

academia, sem esquecer de si mesmo, como sujeito que vive transformações na medida em que avança na compreensão dos fenômenos que investiga.

Com bases nestas reflexões, as universidades têm pautado, de forma cada vez mais recorrente, discussões sobre as racionalidades que se fazem presentes tanto na formação dos professores, quanto no exercício da profissão, buscando superar a valorização excessiva da dimensão técnica, que sustenta as posturas prescritivas, autoritárias e hierárquicas entre os sujeitos que ensinam e os que aprendem, associando-os ao papel de produtores e consumidores de conhecimentos; em direção às dimensões política, ética e estética, que sinalizam para relações mais democráticas, humanas, dialógicas, críticas e reflexivas entre os educadores e educandos, compreendendo-os como portadores e produtores de cultura e conhecimento (RIOS, 2010).

A articulação entre o ensino e a pesquisa, decorrente das transformações que se processam nos contextos universitários, tanto na graduação, quanto na pós-graduação, vem gerando um número cada vez maior de estudos sobre diferentes temáticas presentes nos processos formativos. Os olhares dos pesquisadores de distintas áreas do conhecimento nos permitem acessar diferentes perspectivas de leitura da realidade, a partir das quais são anunciados elementos que se constituem como problemas a serem pensados, discutidos e analisados. A diversidade epistemológica que se faz presente nas produções acadêmicas decorrentes dessas pesquisas tem fortalecido a perspectiva transdisciplinar que se pauta na abordagem complexa dos fenômenos sobre os quais se debruça, valorizando, cada vez mais, os contextos, as culturas e os sujeitos, promovendo férteis diálogos entre os diferentes tipos de saberes, numa perspectiva ecológica, conforme proposto por Santos (2010).

Esse conjunto de reflexões nos permite compreender a formação do professor pesquisador, desde os cursos de graduação, ao mesmo tempo como necessidade, desafio, direito e luta.

A formação do professor pesquisador é necessária, pois somente com uma vigorosa base formativa teórica e metodológica, os docentes terão condições de se lançar criticamente sobre a realidade, articulando na construção do conhecimento, a leitura da palavra, à leitura do mundo e da própria profissão (PIMENTA; LIMA, 2017).

Formar para a pesquisa e pela pesquisa é um desafio, pois, mesmo com todos os avanços registrados no campo da pesquisa em educação, ainda temos projetos de sociedade que impactam de forma direta os projetos educativos dos cursos de graduação, pós-graduação e dos locais de exercício da profissão professor, na tentativa de reduzir estes profissionais à condição de consumidores de conhecimentos produzidos por "especialistas", fragilizando os processos de construção da autonomia e da identidade dos docentes como intelectuais.

Formar-se como professor pesquisador é um direito, pois os processos de profissionalização historicamente conquistados e expressos na legislação educacional indicam que a formação dos docentes deve pautar-se em elementos teóricos e metodológicos capazes de colaborar com a construção de perfis profissionais marcados pela autonomia e pela capacidade de produção de novos conhecimentos sobre a profissão, de modo a garantir a qualidades socialmente referenda dos processos de ensinar e aprender.

O direito à formação para / pela pesquisa é pauta permanente de luta, em decorrência das relações entre saber e poder, o que demanda dos educadores a defesa constante do direito do acesso ao conhecimento, à formação, à leitura crítica da realidade e à articulação das denúncias e dos anúncios que se fazem presentes no exercício da profissão e desvelados na pesquisa sobre as próprias práticas.

É através da análise crítica da realidade, com participação ativa dos docentes como sujeitos desse processo, que a pesquisa em educação se fortalece. Temas relacionados à formação, à vida e ao trabalho dos educadores são fontes fundamentais, tanto para a compreensão dos desafios postos à educação, quanto para a superação dos mesmos. Por isso, é necessário, cada vez, mais compreender o teor revolucionário e emancipatório dessa perspectiva formativa, que reconhece o professor como intelectual e produtor de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

COSTA, E. A. da S. **Diálogos Pedagógicos na Formação Inicial de Professores: o caminho e o caminhar da UNILAB (Relatório de Pós-Doutorado)**. São Paulo: FEUSP, 2018.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São. Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2017.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal. *In*: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SOBRE A AUTORA

Elisangela André da Silva Costa

Graduada em Letras e Pedagogia. Especialista em: Gestão Escolar (UDESC); Educação Biocêntrica (UECE). Mestrado em Mestre Acadêmico em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. Pós-doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Contato: elisangelaandre@unilab.edu.br